

Operações policiais no Rio: mais frequentes, mais letais, mais assustadoras

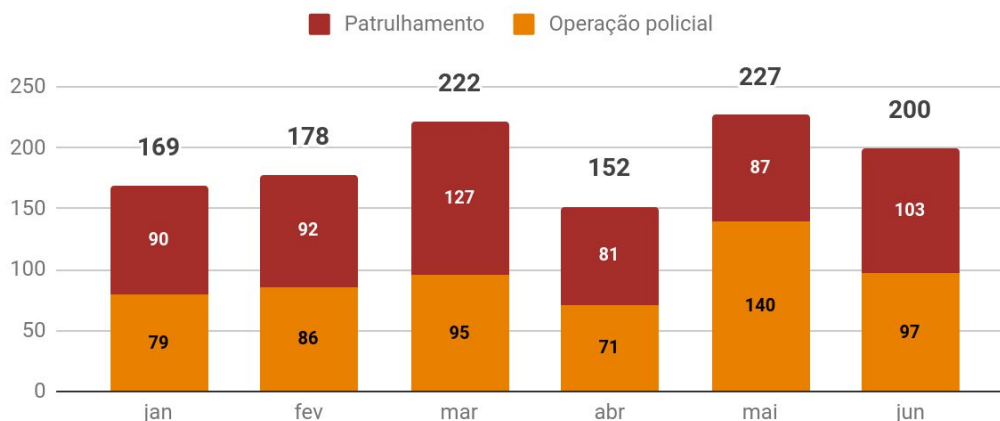
Observatório da Segurança RJ

9 de julho de 2019

De janeiro a junho de 2019, o Observatório da Segurança RJ monitorou **1.148 ações policiais nas ruas**. As fontes utilizadas para o monitoramento diário são jornais, sites de notícias, contas oficiais das polícias nas redes sociais, páginas da internet. Também foram consultados grupos de WhatsApp e páginas do Facebook. Para permitir análises mais precisas desse fenômeno, dividimos os eventos em operações policiais (quando um grupo de policiais é destacado para determinado local, a fim de cumprir objetivo específico e pontual) e ações de patrulhamento (quando um policial ou um grupo pequeno de policiais realiza ações cotidianas de ronda, ou do chamado “baseamento”). **Nesses seis meses, foram monitoradas 568 operações policiais e 580 ações de patrulhamento**, com o registro de apenas 153 armas apreendidas. As forças mais utilizadas nas ações policiais do primeiro semestre de 2019 foram a Polícia Militar (79,7%) e, em segundo lugar, a Polícia Civil (18,9%).

Operações policiais e patrulhamentos no estado do Rio de Janeiro

Janeiro a Junho de 2019

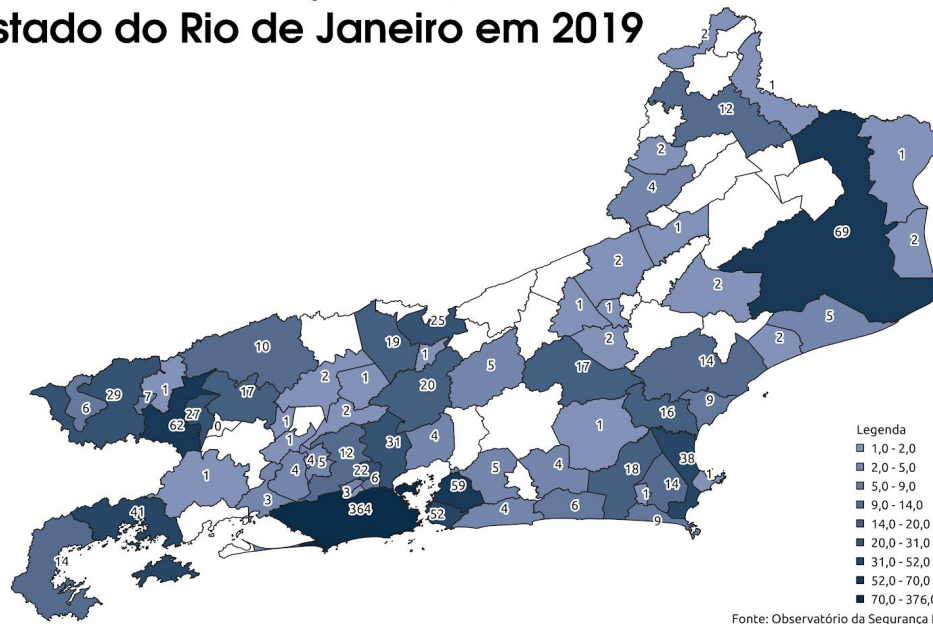


Fonte: Observatório da Segurança RJ



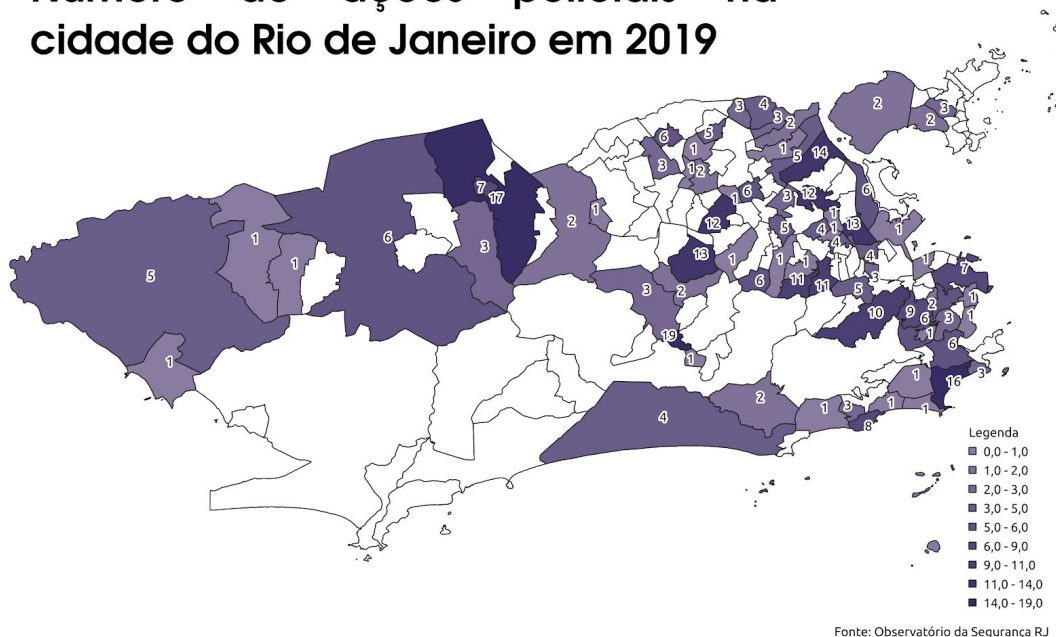
A Região Metropolitana do Rio concentrou mais da metade das ações policiais (54,6%), sendo a maioria delas na capital (31,7%). Os municípios de Campos (6%), Barra Mansa (5,4%), São Gonçalo (5,1%) e Niterói (4,5%) também atraíram intervenções policiais com frequência.

Número de ações policiais no estado do Rio de Janeiro em 2019



Os bairros da capital que mais receberam operações e patrulhamentos policiais no primeiro semestre de 2019 foram a Cidade de Deus (5,3%), Bangu (4,7%), Copacabana (4,5%), Penha (3,9%) e Praça Seca (3,6%).

Número de ações policiais na cidade do Rio de Janeiro em 2019



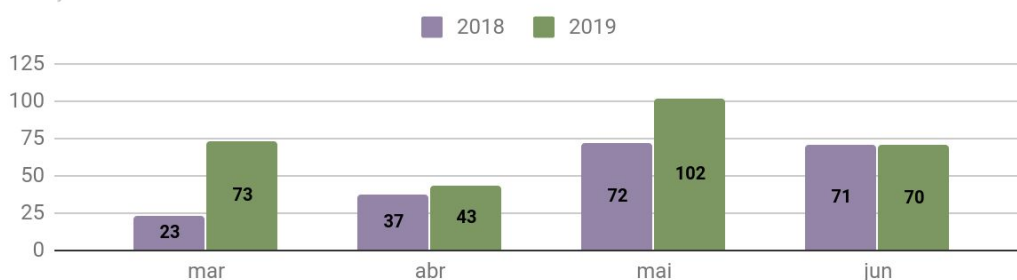


Mais frequentes

Ao compararmos as intervenções atuais com as registradas em 2018, percebemos que 2019 tem sido marcado pelo aumento do número de operações policiais. Se analisarmos apenas os dados relativos à Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), tivemos incremento de 42% nas operações policiais e 143% nas ações de patrulhamento. Analisamos apenas a RMRJ porque as fontes de informação sobre o Interior do estado foram ampliadas de um ano para o outro, o que impede comparar os resultados de 2018 e 2019 para este recorte territorial.

Número de operações policiais na RMRJ

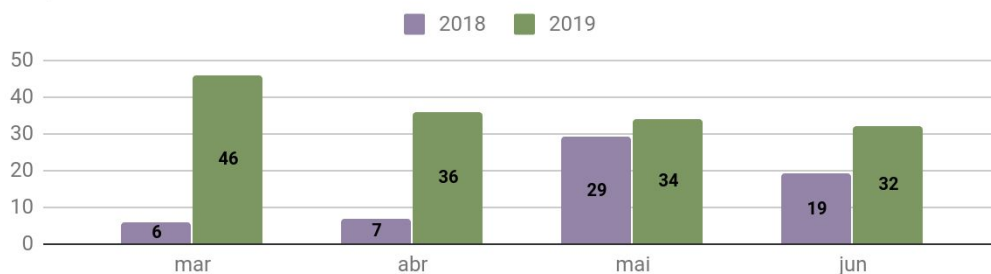
Março a Junho



Fonte: Observatório da Segurança RJ | Observatório da Intervenção

Número de patrulhamentos na RMRJ

Março a Junho



Fonte: Observatório da Segurança RJ | Observatório da Intervenção

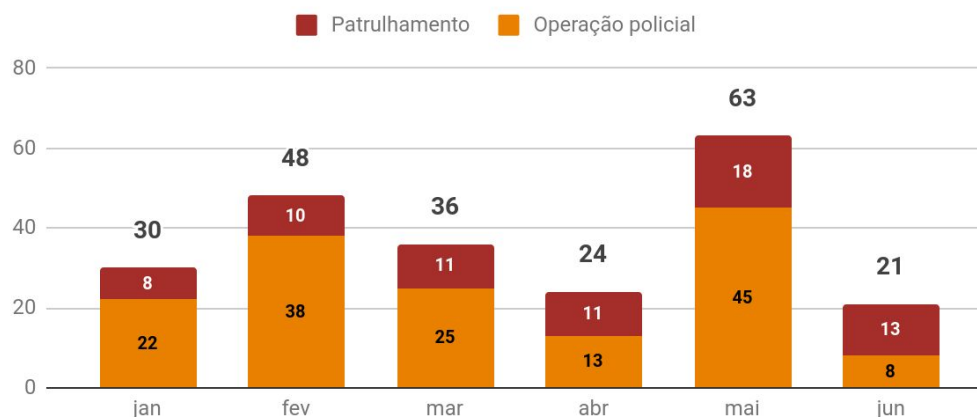
Mais letais

Em 2019, as ações policiais no estado também estão mais letais. Registramos 222 mortes de janeiro a junho deste ano, a sua maioria (68%) em operações policiais. Se compararmos apenas a RMRJ, verificamos um aumento de 46% de mortes em operações policiais em relação ao ano passado (no período de março a junho). Em 2018 foram 82 mortes e esse ano o número passou para 120.



Mortes em operações policiais e patrulhamentos no estado do Rio de Janeiro

Janeiro a Junho de 2019



Fonte: Observatório da Segurança RJ

Os números de mortes decorrentes de ação policial confirmam a constatação de que houve aumento de letalidade pelas forças de segurança: foram 731 mortes por policiais em 2019, um aumento de 20% em relação a 2018. As mortes provocadas por agentes do Estado representam uma parcela cada vez maior da letalidade violenta registrada no Rio de Janeiro: neste primeiro semestre, elas somaram 28,6% das mortes violentas registradas no RJ. Em algumas regiões, como a Capital e Grande Niterói, esse percentual chega a mais de 38%, ou seja, mais de uma em cada 3 mortes foi resultado da intervenção de policiais.

Proporção de mortes decorrentes de intervenção policial entre todas as mortes violentas (janeiro a maio 2019)

Região	2017	2018	2019
Baixada Fluminense	15,5%	22,2%	28,8%
Capital	25,6%	25,7%	38,3%
Grande Niterói	19,8%	27,0%	38,7%
Interior	3,7%	9,0%	11,4%
ESTADO	16,3%	20,2%	28,6%

Fonte: ISP | Elaboração: Observatório da Segurança RJ

A ocorrência de chacinas no Grande Rio continuou e teve um pequeno incremento. No primeiro semestre de 2019, o Fogo Cruzado mapeou 37 casos em que três ou mais pessoas foram mortas em uma mesma situação, somando 149 mortes. Em 28 destes casos, havia presença de agentes do Estado no local das mortes. No



mesmo período de 2018, foram igualmente registrados 37 casos, mas com um total de 146 mortos. Em 21 dos casos registrados em 2018 havia presença de agentes do Estado.

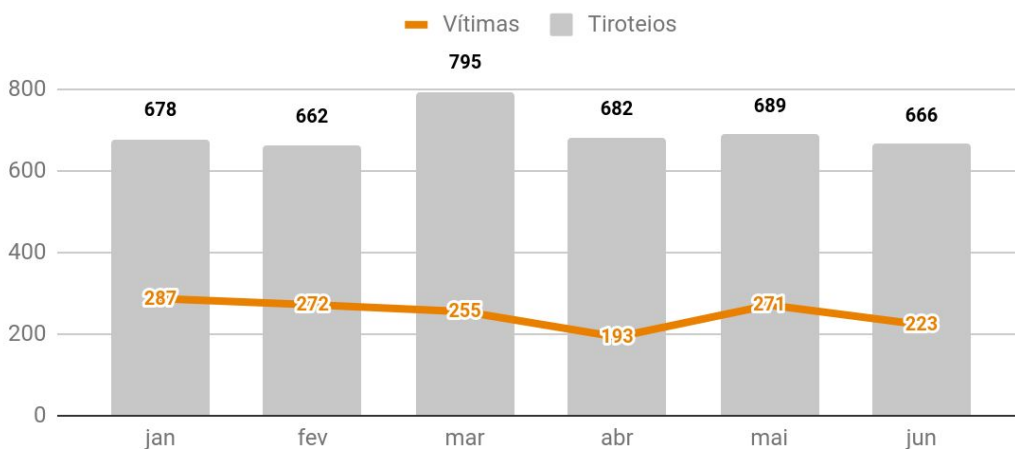
Mais assustadoras

Helicópteros têm sido usados em operações com frequência espantosa. Não temos números sobre a prática em anos anteriores, mas percebemos que o que era exceção, no passado, tornou-se aparentemente rotineiro no Rio de Janeiro, especialmente em operações coordenadas pela Polícia Civil. Monitoramos 34 operações e patrulhamentos com participação de helicópteros. Em 11 desses casos, de acordo com o Fogo Cruzado, os helicópteros foram utilizados como plataformas de tiro, ou seja, os policiais embarcados nas aeronaves efetuaram disparos durante as operações.

Fazer sobrevoos rasantes sobre áreas de grande densidade populacional e atirar de cima, mesmo sem produzir vítimas, apavora e traumatiza os moradores da área. Essas operações são a antítese de operações ditas "cirúrgicas", realizadas a partir de informações precisas, que causam poucos efeitos negativos para obter resultados relevantes. São operações em que os danos afetam toda a população da localidade e que tem baixa ou nenhuma eficácia para a desarticulação de quadrilhas.

Número de tiroteios e número de vítimas (mortas e feridas) no Rio de Janeiro

Janeiro a Junho de 2019



Fonte: Fogo Cruzado

Os tiroteios assustam os moradores, interrompem rotinas, alteram rotas e suspendem atividades diárias. Apesar da RMRJ ter registrado redução de 10% no número de disparos e trocas de tiros no primeiro semestre deste ano, em comparação com 2018, esses episódios passaram a vitimar mais. Dados do Fogo Cruzado mostram que, entre mortos e feridos, civis e agentes do Estado, o número de vítimas



este ano é 5,4% maior que o registrado em 2018. Se analisados apenas os registros em que houve presença de agentes do Estado, o percentual de aumento de vítimas chega a 36,1%.

Conclusões

Ainda é cedo para identificarmos os efeitos de políticas de segurança do governo do estado do Rio de Janeiro que tiveram início em 2019. Contudo, já é possível entender que alguns fenômenos estão em curso:

1. Em relação aos crimes contra o patrimônio, caem os roubos de cargas e os roubos de automóveis, mas aumentam ou se mantêm em patamares altíssimos os roubos a transeuntes e os roubos de coletivos, as modalidades que mais afetam os setores populares. Possivelmente, isso reflete prioridades das políticas de segurança, ainda que possa resultar também de deslocamentos das atividades criminais (de crimes mais estruturados como cargas e veículos para crimes mais improvisados e de oportunidade, nas ruas e ônibus).

Número de registros criminais em AISPs selecionadas (janeiro a maio 2019)				
AISP	Homicídios Dolosos	Mortes decorrentes	Roubos de Rua	Roubos de Veículos
19a Copa	4	4	763	11
23a Leblon/Ipa	10	8	875	42
2a Botafogo	5	5	1.334	171
14a Bangu	72	59	3.515	1.349
41a Costa Barros	65	46	3.297	2.094
15a Caxias	139	45	4.409	1.669
20a Nova Iguaçu	154	46	5.132	1.620
7a São Gonçalo	116	73	4.945	2.232

Fonte: ISP | Elaboração: CESeC

2. Caem os homicídios e aumentam as mortes decorrentes de intervenção policial. Nesse caso, está em curso um fenômeno impressionante, de crescimento consistente de protagonismo policial na violência letal (os policiais foram responsáveis por 16,3% das mortes no estado em 2017 e passaram para 28,6% em 2019; na capital, foram responsáveis por 25,6% em 2017 e passaram para 38,7% em 2019). Podemos falar num fenômeno de estatização das mortes, pois todas as indicações são de que o perfil das vítimas é o mesmo. O que está mudando é a autoria dos assassinatos. Mortes que antes eram protagonizadas por grupos criminais estão passando a ser tipificadas como decorrentes de confronto. O número recorde de mais de 1.500 autos de resistência em 2018 será ultrapassado largamente em 2019,



caracterizando o Rio de Janeiro como um caso sem paralelo, não só no Brasil, mas no mundo.

3. Até aqui temos observado que as duas secretarias, de Polícia Civil e Polícia Militar, agem sem um plano estratégico, sem identificação de objetivos, metas ou avaliações. Não sabemos se há planos na área de inteligência ou metas em relação a apreensão de armas e munições, a desarticulação de milícias ou facções. Aparentemente, prevalece a conhecida lógica de combate descoordenado ao varejo da venda de drogas em operações que crescem em número, em letalidade e em danos à população. Provavelmente, a administração atual ficará conhecida como a que vulgarizou o uso de helicópteros blindados para impor o terror nas favelas, assim como outras administrações se caracterizaram pelo uso indiscriminado dos blindados terrestres. Nem caveirões nem helicópteros são capazes de alterar a situação de mando de grupos armados ilegais, que oprimem as populações em áreas pobres da capital ao interior. Para isso são necessárias ações de inteligência combinadas com políticas de prevenção. Começando por orientar a polícia a parar de matar.